

OS LIAMES ENTRE A SOCIOLINGÜÍSTICA E A LITERATURA: ANÁLISE DA LINGUAGEM CONSTRUÍDA NO ROMANCE *UM MANICACA*

Érica Patricia Barros de Assunção
Universidade Federal do Piauí (UFPI)
ericapba@yahoo.com.br

Resumo: Há obras literárias que nos possibilitam a análise de como o autor estabelece a aproximação das representações linguísticas às situações reais de comunicação. Para isso, nos apoiamos nos estudos sociolinguísticos, visto que os autores são responsáveis pela interpretação de aspectos sociais de um momento específico e também constroem representações que se correlacionam com o mundo real. Desta forma, a linguagem das personagens e do narrador ganha destaque quando há a intenção de inserir o leitor no enredo através de uma natureza linguística que aproxime e diminua as barreiras entre autor e leitor. Nesse sentido, esta pesquisa, de cunho qualitativo e interpretativo, analisará aspectos sociolinguísticos acerca da linguagem formulada pelo autor piauiense Abdias Neves no romance *Um manicaca* (1985), verificando como essa linguagem foi construída com relação ao contexto social de Teresina ao final do século XIX. Esses liames entre a Sociolinguística e a Literatura nos permitiram entender que na obra *Um manicaca*, dotada de características literárias realistas e naturalistas, o autor configura uma forte relevância ao aspecto social, não deixando de buscar uma representação próxima à linguagem característica da época. A linguagem da obra é marcada, principalmente, por uma variação linguística intimamente relacionada aos aspectos socioculturais do período de produção.

Palavras-chave: Sociolinguística. Variação Linguística. Literatura. *Um manicaca*.

Abstract: There are literary works that allow us to analyze how the author establishes the approximation of linguistic representations to communication real situations. So, We rely on sociolinguistic studies, since authors are responsible for interpreting social aspects of a specific moment and they also construct representations that are correlated with the real world. In this way, the language of the characters and the narrator gains prominence when there is the intention to insert the reader into the plot through a linguistic nature that approximates and reduces the barriers between author and reader. In this sense, this qualitative and interpretative research will analyze sociolinguistic aspects about the language formulated by the author Abdias Neves, from Piauí, in the novel *Um manicaca* (1985), verifying how this language was constructed in relation to the Teresina's social context at the end of the 19th century . These links between Sociolinguistics and Literature allowed us to understand that in the *Um manicaca*, work endowed with realistic and naturalistic literary characteristics, the author configures a strong relevance to the social aspect, not ceasing to seek a representation close to the language characteristic of the time. The language of the work is marked, mainly, by a linguistic variation closely related to the sociocultural aspects of the production period.

Keywords: Sociolinguistics. Linguistic Variation. Literature. *Um manicaca*.

INTRODUÇÃO

As teorias sociolinguísticas se preocupam, como o próprio nome sugere, com o aspecto social da língua e a implicação e complexidade que este acarreta ao considerarmos a linguagem como a mediação na relação do sujeito com o mundo. Assim, a Sociolinguística pauta-se em fatos reais de língua que representam, conseqüentemente, uma situação real de comunicação.

Tais teorias visam ao estudo da língua como prática social. Isso pressupõe que essa disciplina não busca estruturar juízos de valor sobre a prática linguística, mas analisar situações comunicativas no intuito de observar como o fenômeno da linguagem, em dadas situações, está intimamente relacionado ao fenômeno social.

De acordo com Preti (2004), embora não possamos tomar o texto literário como uma linguagem que represente fielmente uma comunicação real, nos deparamos com alguns textos literários que apresentam uma linguagem aproximada de uma dada realidade contextual, buscando, assim, aproximação também junto ao público leitor.

Isso nos possibilita a abertura para verificarmos como o autor estabelece em sua obra literária essa aproximação às situações reais de comunicação, tomando por base os estudos sociolinguísticos, visto que os autores são responsáveis pela interpretação de aspectos sociais de um momento específico e também constroem representações que se correlacionam com o mundo real.

Desta forma, a linguagem das personagens e do narrador ganha destaque quando há a intenção de inserir o leitor no enredo através de uma natureza linguística que aproxime e diminua as barreiras entre autor e leitor. A identificação do leitor é uma peça fundamental para a aproximação e inserção do mesmo no universo literário. Por sua vez, a língua é o aspecto essencial de identificação que pode ser usada pelo autor para ganhar confiança e se manter perto do leitor.

Baseando-se nisso, neste artigo, pretendemos analisar alguns aspectos sociolinguísticos acerca da linguagem formulada pelo autor Abdias Neves no romance *Um manicaca* (1985), verificando como essa linguagem foi construída com relação ao contexto social de Teresina ao final do século XIX.

Esses liames entre a Sociolinguística e a Literatura permitem entender que na obra *Um manicaca*, que possui características literárias realistas e naturalistas, o autor configura uma forte relevância ao aspecto social, não deixando de buscar uma representação próxima à linguagem característica da época. A linguagem da obra é marcada, principalmente, por variantes linguísticas intimamente relacionadas aos aspectos socioculturais do período de produção.

1 SOCIOLINGUÍSTICA E LITERATURA: CAMINHOS QUE SE CRUZAM

Os estudos sociolinguísticos obtiveram destaque na década de 70 quando propuseram ideias que supriam as lacunas deixadas pelos primeiros estudos linguísticos estruturalistas. Quando Saussure, considerado o pai da Linguística moderna, afirma que a língua é um fenômeno social, mas desconsidera a parte social da linguagem focando no aspecto estrutural da língua, surgem muitas inquietações que acabam levando ao estudo e esclarecimento de ideias ainda não consolidadas pelos estruturalistas.

No entanto, segundo Calvet (2002), o próprio Labov, um dos fundadores da Sociolinguística, hesitou por diversas vezes usar o termo “Sociolinguística” pela contradição que a palavra gerou no início da formulação das bases epistemológicas e filosóficas da disciplina, pois se a língua é o elemento social da linguagem, o termo não existiria já que a Linguística era a ciência que estudava a língua, seria um termo redundante se não fosse o fato de que a Linguística era puramente estruturalista e colocava o sistema estrutural da língua acima de todas as outras características do objeto.

Como já ressaltamos, as teorias sociolinguísticas se concentram no aspecto social da língua, bem como na implicação e complexidade da mesma nas relações dos sujeitos com o mundo, considerando a linguagem como a mediadora em tais relações. A disciplina pauta-se em fatos reais de língua que representem uma situação real de comunicação, ou seja, visa ao estudo da língua como prática social, sem formular juízos de valor sobre a prática linguística, mas analisar situações comunicativas no intuito de observar como o fenômeno da linguagem, em dadas situações, está intimamente relacionado ao fenômeno social.

Um dos pilares dos estudos sociolinguísticos é a dinamicidade da língua, devido esta ser uma prática social, marcando oposição ao conceito de sistema fechado em si mesmo fundamentado pelos linguistas estruturalistas. A característica da dinamicidade agrega à língua a possibilidade de variação e diversidade, pois a mudança linguística é um fator primordial indicador de que a língua é, em sua essência, social e de que ela acompanha as necessidades dos falantes, como explica Mollica (2004, p. 10):

O papel da mudança linguística é fundamental para os estudos sociolinguísticos. Os problemas teóricos envolvidos referem-se aos processos de encaixamento, avaliação e implementação. Antes de tudo, o linguista deve compreender como se caracteriza uma determinada variação de acordo com as propriedades da língua, verificar seu status social positivo ou negativo, entender o grau de comprometimento do fenômeno variável no sistema e determinar se as variantes em competição acham-se em processo de mudança, seja no sentido de avanço, seja no recuo da inovação.

Ainda segundo Mollica (2004), a heterogeneidade linguística, caracterizada por constantes mudanças de ordens diversas, é o princípio que fundamenta a variação linguística, fato que se baseia na ocorrência de formas linguísticas rotativas chamadas de variantes. Nesse sentido, a variação pode se apresentar, dentre outros, no eixo diatópico, que se dá de forma atrelada a uma região geográfica, e no eixo diastrático, que se dá pelos níveis de classe social.

Entretanto, a variação não ocorre de forma ocasional, ela possui parâmetros reguladores. Além disso, há na língua também forças de unidade que coexistem com os aspectos heterogêneos. Isso faz com as línguas possuam zonas fixas e outras móveis para que possam mudar de forma gradativa e coerente. (MOLLICA, 2004)

Outro aspecto importante para os estudos sociolinguísticos é o contexto. De acordo com Macedo (2004), diversos fatores relacionados à linguagem e à situação social podem ser considerados como contexto. A relação entre linguagem e contexto está intimamente atrelada ao grau de formalidade do contexto, ou seja, haverá variações linguísticas de acordo com grau de formalidade da situação contextual.

Considerando o texto literário que, como já citado, pode ser considerado como corpus válido para uma pesquisa sobre linguagem com bases

sociolinguísticas, não podemos desprezar o fato de que alguns autores façam questão de incluir, em suas obras, representações muito próximas de uma situação comunicativa real e vinculada a um dado contexto (PRETI, 1974; 2004). Esse texto torna-se bastante significativo para uma pesquisa que pretende analisar a relação entre a linguagem ali construída e os fatores sociais que correlacionam a um contexto real.

Conforme Preti (1974), há um equilíbrio gerado pela ação das forças opostas diversidade/uniformidade, que se resume nas manifestações criativas de formas individuais de interação e suas relações com o extralinguístico de encontro com as determinações prescritivas a fim de nivelar padrões linguísticos. Baseando-se nesse equilíbrio, a literatura, desde suas primeiras expressões no Brasil em seu sentido clássico, esteve frequentemente unida às forças de nivelção linguística. Porém, já no Romantismo ocorrem algumas manifestações a respeito da língua falada no nosso país, passando pelo viés crítico de representação da linguagem oral do Realismo e Naturalismo, assim:

a renovação estética da literatura moderna no campo formal abriu condições para novos padrões linguísticos. Essas vanguardas literárias se divulgam mais rapidamente e transcendem das elites intelectuais para um público cada vez maior, tornando-se, repentinamente, modelos para a escrita nas escolas, ao lado das tradicionais. (p. 30)

O autor ainda frisa que há a ligação entre as duas coerências possíveis, aquela determinada e articulada pelo autor e aquela que, ao lado da primeira, pode ser traçada pelo leitor que busca uma identificação real com a linguagem, projetada sobre a realidade e contexto criados pelo autor. Entretanto, a representação de falas desprivilegiadas é estruturada dentro da limitação que a própria língua escrita impõe, como a ortografia e pontuação, gerando a impossibilidade de uma fidelidade às situações reais de fala. (PRETI, 1974)

Concentrando-nos especificamente sobre a temática do Realismo-Naturalismo brasileiro, vertente estético-literária na qual o romance escolhido como objeto de pesquisa se encaixa, podemos destacar que com essa escola inicia-se uma abertura maior para representações linguísticas que envolvem uma exposição

da diversidade linguística da sociedade brasileira, diante das bases ideológicas fincadas na crítica social, se opondo ao idealismo do Romantismo.

De acordo com Preti (1974), o Realismo em si não demonstrou tanto envolvimento com a expressão da diversidade linguística. Com a propagação do Naturalismo, as produções brasileiras passaram a trazer características de fusão entre as duas correntes, por isso a dificuldade de separar as características de cada uma e a decorrência da própria fusão dos termos: Realismo-Naturalismo. O Naturalismo agregou “uma visão bem mais real da língua, descendo frequentemente ao nível falado ao coloquial, à gíria e ao calão, ao técnico e ao pseudocientífico” (p. 115).

Há, com o Realismo-Naturalismo, uma aproximação da linguagem oral devido à concentração na crítica social e na descrição verossímil de como as camadas sociais se organizam. O Realismo caracteriza-se pelos aspectos mais representativos dos coletivos urbanos e pelas descrições psicológicas de personagens que se encontram em meios caóticos, já o Naturalismo, com os aspectos cientificistas e animalescos/naturais que podem ser observados tanto nos comportamentos coletivos e como individuais dos ser humano. Ambas correntes se detinham nas descrições das camadas mais pobres ou no confronto entre as camadas sociais:

No Realismo-Naturalismo brasileiro, a presença de personagens mais populares, de baixa cultura, oriundos de um meio ambiente mais pobre e menos escolarizado ou dos grandes aglomerados urbanos, levou os prosadores a registrar vocábulos, construções, pronúncias tidos como subpadrões linguísticos, mas expressivos para completar a descrição social dos tipos marginalizados (...). (PRETI, 2004, p. 119)

Embora o texto literário não possa ser considerado um objeto e corpus perfeito em termos de materialidade linguística real e espontânea, o autor pode construir, através da criatividade e liberdade artística, como cita Preti (2004, p. 126), “a ilusão de uma realidade oral” de forma estratégica e intencional para alcançar a aproximação com o leitor, visto que a formalidade do projeto da produção literária em si já pressupõe um distanciamento entre autor e público leitor:

Sendo uma manifestação escrita, o texto literário pressupõe um processo de elaboração, de reflexão, de planejamento, que se afastaria, em tese, da dinâmica da língua oral espontânea, que se desenvolve, não raro, de forma imprevista, em face da situação interacional. Mas, por outro lado, os objetivos do escritor são de natureza estética e não há limites na escolha das variantes linguísticas para atingi-los. Por isso, o emprego de recursos da oralidade pode ser uma estratégia intencional para dar a seu diálogo de ficção uma proximidade maior com a realidade. (p. 120)

Tal aproximação da realidade é elaborada com base na expectativa do leitor quanto ao que é aceitável linguisticamente e o que este deseja encontrar numa obra literária, relacionando a situações reais. Portanto, narrador, personagens e leitor são envolvidos numa interação hipoteticamente estruturada através da escolha lexical e o vocabulário de experiência própria de falante do autor. A oralidade no texto literário, por sua vez, pode se apresentar por meio de repetições, da forma da organização sintática, dos marcadores de conversação, pelo próprio léxico, e pelas variações semânticas populares. (PRETI, 2004)

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esta pesquisa possui caráter qualitativo e interpretativo. Na realização desse trabalho lançamos mão de uma pesquisa bibliográfica e interpretativa, nos concentrando nas contribuições teóricas de Preti, como também nas de Calvet, Mollica, que nos ajudaram a endossar a análise dos aspectos sociolinguísticos da linguagem construída na obra *Um manicaca* (1985), do escritor piauiense Abdias Neves.

Após a apreensão das teorias sociolinguísticas direcionadas ao texto literário, concretizamos a análise dos dados coletados na leitura da obra. Selecionamos os trechos que indicavam convergência com as teorias pesquisadas buscando caracterizar as relações entre a linguagem construída na obra pelo autor e o contexto sociocultural da época de produção na qual o mesmo se insere, por meio da identificação e interpretação dos elementos linguísticos singulares à nossa pesquisa.

3 ANÁLISE DA LINGUAGEM CONSTRUÍDA NO ROMANCE *UM MANICACA*

A obra *Um manicaca* teve sua primeira edição publicada em 1909, escrita entre 1901 e 1902, e ambientada no contexto social da cidade de Teresina ao final do século XIX. Este romance é considerado um romance documental, pois o autor descreve a cidade de Teresina, como cenário do seu enredo, com as práticas sociais da época.

O romance tem como linha norteadora as tensões do triângulo amoroso entre Júlia, seu esposo, Antônio de Araújo e seu amante, Luís Borges. Júlia casa-se contra a vontade em um casamento arranjado pelo pai e, ao se tornar esposa, não aceita a vida que impuseram a ela, mantendo um relacionamento extraconjugal com um rapaz com o qual ela verdadeiramente desejara se casar. O termo central do título da obra, manicaca, deve-se a uma alcunha da época recebida pelos homens que não conseguiam dominar suas esposas e eram dominados por elas, como é o caso do personagem Antônio Araújo.

A obra possui essa linha sequencial que acompanha os embates de um triângulo amoroso, mas há a forte presença das descrições que caracterizam a sociedade da época dando um lugar de destaque à cidade, como é típico dos romances realistas-naturalistas. O enredo da obra se baseia nas descrições de situações cotidianas, costumes, aspectos culturais e hábitos sociais característicos da sociedade teresinense do final do século XIX. Tais descrições são carregadas de críticas à estagnação social e intelectual em que se encontrava a cidade, sendo a mesma a grande protagonista da obra.

O escritor Abdias Neves, após entrar em contato com várias correntes filosóficas e científicas na sua formação em Bacharel em Direito na cidade de Recife, formula outro olhar para a sua cidade natal e esse olhar traz à tona problemas relacionados aos aspectos socioculturais, políticos e econômicos da sociedade da época.

A cidade de Teresina ao final do século XIX é uma cidade com estrutura recente, pois foi uma cidade planejada para receber o posto de capital que foi transferido da cidade de Oeiras em 1852. Na sua fundação, a cidade foi projetada

estrategicamente para ter, e até hoje tem, o comércio como base econômica. Desde sua formação a cidade também teve a Igreja Católica como base religiosa.

Dessa forma, nesse contexto, temos uma sociedade ainda bem provinciana e com manifestações religiosas muito fortes. A igreja ainda era o guia das vidas dos cidadãos que aguardavam as badaladas dos sinos para indicar os horários das missas, momentos em que a cidade inteira se reunia, e até mesmo o horário em que todos estavam liberados para retornarem para suas casas. A figura da mulher ainda era completamente atrelada ao estereótipo de dona de casa, mãe e fiel ao catolicismo.

Essa época é marcada pelos acirrados festejos entre as quermesses da Igreja de Nossa Senhora do Amparo e a de Nossa Senhora das Dores, pelo tempo dedicado aos fuxicos e intrigas, namoricos, animados bailes de aniversário e casamentos que reuniam a cidade inteira, e dos prostíbulos bastante visitados. Era uma cidade de “pequena classe média, quase proletarizada, vivendo num meio desconfortável, com luz de candeeiro, água conduzida sobre lombo de jumentos, cidade suja, sem trabalho” (PASSOS apud NEVES, 1985, p. 16).

É possível observar, através de vários aspectos linguísticos, que o autor utiliza, durante todo enredo da obra, uma linguagem aproximada da realidade. Nessa edição de 1985, há várias notas de explicação, feitas pelos editores, dos vocábulos em cada capítulo para auxiliar nas dificuldades de compreensão do leitor, ou seja, são contextualizações das variações linguísticas na linguagem utilizada pelo autor.

Logo no início do romance, ao introduzir o leitor ao contexto da sua obra, que se aproxima do contexto real de Teresina aos anos finais do século XIX, o autor traz o enunciado do narrador: “O **acendedor** dos lampiões passou, correndo, pela rua, levando a escadinha no ombro” (NEVES, 1985, p. 21). Aqui, há a nota com o conceito para situar o leitor na compreensão do termo em negrito abordado como uma variação semântica definida pela função humana de acender os lampiões públicos espalhados pela cidade que ainda não possuía instalações de rede elétrica.

Na descrição do pano de fundo da sua obra, que é a cidade de Teresina, o autor se compromete a delinear os hábitos comuns na cidade. O hábito noturno de frequentar os botecos da cidade é retratado na obra e o autor traz alguns termos em

francês relacionados a esses espaços. Estes são bem característicos dos modismos linguísticos da época, como por exemplo, no enunciado: “Eram, já célebres o botequim do Euclides e o do Virgílio, onde a fina flor do **demi-monde** se reunia (...)”, em que o termo destacado faz referência ao conjunto que compreendia os boêmios que frequentavam assiduamente os famosos botequins da cidade.

O estrangeirismo como modismo também aparece em: “A **soirée** era de quota e, nestas ocasiões, os rapazes fugiam, prometendo pagar à noite”, na qual o termo em destaque significa uma diversão noturna que não possui horário definido para terminar (NEVES, 1985, p. 23 e 43). Tais termos eram direcionados a uma parte da elite masculina teresinense que, à noite, procuravam os botecos e pontos de prostituição para lugares de descontração.

Na linguagem formulada por Neves, identificamos expressões representativas da época que a obra se propõe retratar, como: “Ainda no baile do Magalhães ele **roera arara** toda noite...”, em que a expressão em destaque está relacionada à prática de roubar o par de alguém numa dança, fazendo com que o parceiro abandonado passe vexame; também em: “Alto, magro, deixava crescer a barba e cortava o **cabelo à escovinha** (...)”, cuja expressão está ligada à prática de cortar o cabelo muito curto; e em: “Estava **tomando vento nas ceroulas**”, cujo significado é ficar envaidecido (NEVES, 1985, p. 22, 87 e 97).

Tais expressões enriquecem a linguagem construída pelo autor, pois ela estabelece uma conexão com expressões da linguagem das camadas populares, aproximando, assim, obra e leitor. Essa estratégia de inserir expressões reais na linguagem da obra faz com que o leitor se sinta à vontade ao adentrar o universo de significados da obra e, através delas, se reconheça e se identifique com as características linguísticas utilizadas pelo autor. Além disso, para os leitores e linguistas de nossa época, Abdias deixou contribuições preciosas para um estudo sociohistórico da linguagem dos teresinenses do final do século XIX.

A obra está repleta de uma diversidade léxica bem característica do contexto da época. O próprio termo central do título da obra, **manicaca**, como já mencionado, era usado para designar, de forma jocosa, os homens casados dominados pelas esposas e não conseguiam dominá-las, como era convencionado culturalmente na época. Esse termo estava fortemente ligado à temática do vexame e vergonha que

passavam os homens que tinham o ego viril atingido quando não conseguiam subjugar as esposas, uma prática social muito comum na época.

Outros termos interessantes inseridos são: “(...) e poderia sustentar tese na arte do **engrossamento**” que faz referência ao termo “bajulação”, bastante relacionado à prática política em que há o hábito de bajular candidatos políticos em troca de privilégios ou favorecimentos; em: “Não viam o **songamonga**?”, palavra sinônima de sonso (a); e em: “(...) e sabem que a sexta-feira é um dia **aziago**”?, termo que significa azarado, ou seja, na época, havia a crença de que a sexta-feira era um dia de má sorte (NEVES, 1985, p. e 26, 87, e 104).

Esses trechos trazem um pouco do léxico da variação linguística da época. Há, na obra de Neves, assim como ocorre com as expressões, uma inserção de termos linguísticos reais do teresinense do século XIX e estes se relacionam no intuito de caracterização da dessa sociedade. O linguajar, aqui, é marcado por um léxico específico da época que denota essa aproximação com o leitor no processo de significação da obra, estabelecendo um vínculo forte entre literatura, linguagem e sociedade.

Na configuração dessa linguagem construída por Abdias Neves, percebemos algumas palavras com variação semântica, como em: “Devia ser alguma **ponta** para se vingar do que lhe fizera (...)”, em que o termo em destaque, aqui, indica namoro rápido, paquera, flerte, característico da juventude de cidades pequenas; em: “- Não tinha medo de **enredo**?”, o termo aqui se refere a fuxico; em: “Todo mundo se queixava de **quebradeira**”, que a palavra em destaque refere-se à falta de dinheiro; e em: “Em toda vizinhança, multiplicavam-se as **rodas**, afreguesadas por ajuntamentos crescidos”, a palavra significa, aqui, rodas de cadeiras que eram feitas nas calçadas das casas, geralmente, à tardinha para conversas despreocupadas que adentravam a noite (NEVES, 1985, p. 25 e 28).

A variação semântica caracterizada na obra *Um manicaca*, mostra-se como mais um recurso do qual autor utiliza para formular uma linguagem literária associada à linguagem real dos teresinenses. A diversidade de sentido legitimada no seio da prática linguística popular aparece como parte constitutiva da linguagem da obra para estruturar um contexto que se assemelha ao real, contribuindo, assim, com a relação próxima ao leitor.

Verificamos, também, a presença de marcadores conversação, como em: “**Aí**, por entre copos de cerveja e baforadas de charuto, pregava-se a moral (...)”; “- **Sabe?** Encontrei seu marido nas Abelheiras”; “- **Hein?** Perguntou ele furioso”; “- Não é **lá** essas coisas, interrompeu o velho (...)”; “- **Então**, Rosinha, perguntavam-lhe, o Dr. Ernesto nem coberto de ouro?”; “- **Ah!** Pensava que a enganava?”; e “- **Ih! Ih! Ih! Ih!** , - Continua a rir-se e não quer que eu a considere louca!” (NEVES, 1985, p. 23, 35, 42, 47, 62).

Há, também, tentativas de representar aglutinações que representem expressões orais: “- Ora papai, também **ind'é** cedo!”; “Se não serviam, que fossem **pro** inferno”; “-‘**peg'o** boi Antônio; **peg'o** boi!”; “- E um cargueiro **d'água** que não carecia!”; “Está **pr'acontecer** alguma coisa”; “na **vésp'ra** da morte da mamãe, entrou , aqui em casa, um beija-flor”; “Eu, de **m'a** parte, nem que ele venha coberto de ouro”; “Deixe estar, **ind'um** dia acabo com isto” (NEVES, 1985, p. 27, 32, 41, 47, 72).

Existem, ainda, outras características da oralidade que podem ser observadas nos exemplos a seguir: “- Miloca?... Miloca?... Onde está Miloca?, as reticências, aqui, tentam representar as pausas de uma fala real, ou seja, da oralidade; “- **Seu** Araújo”, abreviação coloquial de senhor; “- Ora!**Júlia! Júlia! Júlia!** Se quiser ver, faça o que está dizendo.”, a repetição é um recurso bastante utilizado na linguagem oral como forma de afirmação do que se diz, uso enfático (NEVES, 1985, p. 21, 46, 62).

Esses trechos com marcadores de conversação, aglutinações e outras características da oralidade, indicam a clara intenção de Neves de tornar a linguagem da obra uma ponte de conforto no processo de significação dos sentidos e de identificação. Há, aqui, uma intimidade com o leitor, naturalizando a linguagem cotidiana com marcas de oralidade e de conversas dentro do corpo do texto literário. Essa abertura à inserção desses aspectos caracteriza a leveza da linguagem construída pelo autor que se afasta um pouco da modalidade formal comum na estrutura textual da literatura.

O autor insere na linguagem da obra algumas gírias, como: “(...) e passavam-se descomposturas **chués** na oposição”, que nos remete a algo sem graça ou de má qualidade; também em:” – Deixasse de **trepação**, interveio João Souza”, gíria da

época cujo significado era difamação que era uma prática comum na produção de fuxicos em cidades pequenas; em: “-Safa!” gíria para “safado”; em: “Que **cacetão** de aroeira!”, o termo é uma gíria usada na época para “chato”; e em:” e Júlia principiou a irritar-se, a passar **tabocas** (...)”, aqui, a gíria diz respeito ao ato de romper noivado para namorar outra pessoa ou ficar trocando de par em uma dança (NEVES, 1985, p. 23, 29 e 33).

Ao incluir gírias na constituição da linguagem da obra, Abdias, uma conexão próxima ao fator social da linguagem. As gírias representam características marcantes de uma sociedade em uma dada época. Assim, formula-se na obra, através das gírias, um íntimo elo com o leitor através de traços de um linguajar peculiar dos teresinenses do final do século XIX, bem como uma representação social e cultural dessa sociedade. A aproximação entre obra e leitor é alcançada pelos traços de linguagem popular que possui um alto poder de representação e identificação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos concluir que na obra *Um manicaca* (1985), o autor piauiense Abdias Neves constrói uma linguagem com marcas de oralidade, como através da repetição, pontuação, do léxico e marcas de conversação; e também com uma diversidade linguística assinalada pela variação semântica, lexical e sintática. Esses fatores corroboram o objetivo de aproximação a uma realidade contextual para estabelecer uma interação de confiança com o seu leitor.

Esses liames entre a Sociolinguística e a Literatura permitiu-nos entender que na obra *Um manicaca*, que possui características literárias realistas e naturalistas, o autor configura uma forte relevância ao aspecto social, não deixando de buscar uma representação próxima à linguagem característica da época. A linguagem da obra é marcada, principalmente, por marcas da oralidade e variantes linguísticas intimamente relacionadas aos aspectos socioculturais do período de produção.

REFERÊNCIAS

CALVET, Louis-Jean. **Sociolinguística**: uma introdução crítica. Tradução de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2002.

MACEDO, Alzira Verthein Tavares de. Linguagem e contexto. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (Orgs.). **Introdução à Sociolinguística**: o tratamento da variação. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2004, p. 51-58.

MOLLICA, Maria Cecília. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (Orgs.). **Introdução à Sociolinguística**: o tratamento da variação. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2004, p. 9-14.

NEVES, Abdias da Costa. **Um manicaca**. Teresina: Projeto Petrônio Portella, 1985.

PRETI, Dino. **Estudos de língua oral e escrita**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

PRETI, Dino. **Sociolinguística**: os níveis de fala – um estudo sociolinguístico do diálogo na literatura brasileira. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1974.